

Criminalidade, segurança pública e sustentabilidade em destinos turísticos: ensaio exploratório acerca da produção acadêmica brasileira (2004-2018)¹

Criminality, public security and sustainability in tourist destinations: exploratory essay about the Brazilian academic production (2004-2018)

Jean Henrique Costa – UERN – jeanhenrique@uern.br

Manuel Ramón González Herrera – UACJ – manuel.gonzalez@uacj.mx

RESUMO

Este estudo possui como objetivos: a) levantar trabalhos realizados, na realidade brasileira, acerca das problemáticas do turismo, da segurança pública e da criminalidade; b) realizar uma leitura crítica de cada trabalho; c) tecer um diagnóstico de seu estado da arte, visando apontar os caminhos seguidos, algumas lacunas percebidas e as possibilidades de conexões entre as pesquisas. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de análise teórica. Não se prende as convenções metodológicas de uma pesquisa bibliométrica, tampouco realiza uma análise de conteúdo quantitativa com o material textual levantado. Trata-se de um livre exercício ensaístico. O recorte temporal foi estabelecido da forma mais dilatada possível, isto é, a partir do ano de publicação do primeiro trabalho encontrado até o último (2004-2018). Os trabalhos foram captados, de forma livre, no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes.

¹ O artigo resulta das primeiras reflexões consolidadas durante o estágio pós-doutoral (2018-2019) realizado no Programa de Turismo do Departamento de Ciências Administrativas da *Universidad Autónoma de Ciudad Juárez* (UACJ, México), em cooperação com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Brasil).

Como conclusões, verificou-se que que parte significativa dos estudos brasileiros não reproduz o alarme midiático acerca do medo social como fator determinante para o afastamento de turistas. Contudo, problematizamos que parte desses estudos, ou a quase totalidade deles, não relaciona o aumento da criminalidade (e suas múltiplas possibilidades de manifestação) com as variações da demanda turística em séries temporais dilatadas, tampouco “espacializam” a criminalidade por zonas/áreas, visando correlacionar os encontros – e desencontros – com a dinâmica do turismo. Além disso, reforçamos que parte das pesquisas também não realiza o esforço de tipificar os principais crimes contra o turista (destacando o dano, horário e local) e de que forma essa violência termina afetando a sustentabilidade dos espaços turísticos e a imagem dos lugares. Deste modo, algumas pesquisas repetem clichês já doutos no campo do turismo de que o crime e a violência sistêmica afastam o turismo, ou, no melhor dos casos, que os crimes são, em sua maioria, contra o patrimônio (por furtos e roubos).

Palavras-chave: Turismo, Criminalidade, Segurança Pública, Violência Urbana, Estudos Brasileiros.

ABSTRACT

This study aims to: a) raise papers carried out in the Brazilian reality about the tourist problematic, public security and criminality; b) perform a critical reading of each paper; c) weave a diagnostic of its state of the art, seeking to point the suggested ways, some gaps perceived and the possibilities of connections between the researches. In terms of methodology, it is a bibliographic research of theoretical analysis. It does not attach to methodological conventions of a biometrical research, neither it carries out a quantitative content analysis with the textual material raised. It is a free essayistic exercise. The temporal cut was established in the most dilated possible, being from the year of publication of the first paper found until the last one (2004-2018). The papers were collected in free form in Scholar Google and the CAPES Periodical Portal. As conclusions, it was verified that a significant part of Brazilian studies does not reproduce the media alarm regarding to



the social fear as a determinant factor to the distance of tourists. However, we problematize that part of these studies, or almost all of them, does not relate the increasing of criminality (and its multiple possibilities of manifestation) to the variations of tourist demand in dilated temporal series, neither “spatializes” the criminality by zones/areas, viewing to correlate the meetings – and divergences – to the tourist dynamics. Furthermore, we reinforce that part of the researches also does not conduct the effort of typifying the main crimes against the tourist (highlighting the damage, time and place) and in which way this violence can affect the sustainability of the tourist spaces and the image of the places. In this way, some researches repeat clichés already learned in the tourism field that the systemic crime and violence distance tourism, or, ideally, crimes are, in their majority, against property (thefts and robberies).

Keywords: Tourism, Criminality, Public Security, Urban Violence, Brazilian Studies.

1 INTRODUÇÃO

A problemática da segurança pública no turismo tem tido, na agenda midiática brasileira, atenção redobrada nos últimos anos, em especial, após a elevação nas taxas de homicídios, imperantes em muitas capitais e cidades médias. Os dados são concretos e revelam uma realidade preocupante em termos de segurança pública no país, conforme apontam os estudos presentes no ‘*Atlas da Violência*’ (Cerqueira, 2018) e no ‘*Mapa da Violência*’ (Waiselfisz, 2016). Os novos padrões da violência homicida despertaram a atenção para o genocídio cotidiano de homens jovens, negros/pardos e pobres nas muitas periferias das cidades brasileiras. Nesse meio tempo, não demoraria para que essa representação caótica de insegurança chegasse até as reflexões sobre a segurança do turista em contextos de acentuação da violência urbana e da criminalidade. Muitas reportagens ganharam as páginas de jornais, blogs e sites, destacando a



representação do medo – quase sempre irreal em termos concretos – em destinos turísticos.

No espaço acadêmico, entretanto, tal temática ainda parece engatinhar caso comparada a outras preocupações interdisciplinares que compõem os estudos em turismo, tais como patrimônio cultural; impactos ambientais; reestruturação urbana, etc. Como lembram Catai e Rejowski (2005, p. 245), “no Brasil, apesar dos problemas resultantes do número de crimes apresentados pelas estatísticas, a criminalidade contra turistas ainda não possui estudos aprofundados”. Assim, torna-se notável a insuficiência numérica de trabalhos acerca da tríade criminalidade, violência urbana e segurança pública em turismo nos estudos brasileiros. Poucos são os trabalhos que se aventuraram a descortinar esse universo pensado a partir da atividade turística. Talvez, pela recente emergência desta problemática como imperiosa ‘*questão social*’, o que expõe nova inquietude acerca da capacidade de manutenção da coesão numa dada sociedade (Castel, 2002); talvez pelo precário ‘*habitus*’ acadêmico (Bourdieu, 2015) de uma parte dos pesquisadores em turismo, de tratar de um assunto labiríntico, mesmo dentre as ciências sociais, que são os estudos sobre criminalidade e segurança pública em turismo. Logo, no Brasil, muitos desses estudos ainda são exploratórios e carentes de maturidade teórica e aprofundamento empírico.

Todavia, o que se torna inquietante é que, mesmo diante da ausência de estudos mais aprofundados e críticos nesta seara interdisciplinar, tornou-se lugar-comum inferir que a sustentabilidade socioeconômica da atividade turística depende de muitas variáveis e, dentre elas, a efetiva segurança pública se torna, material e simbolicamente, um diferencial para a viabilidade e a sustentabilidade de destinos turísticos, sobretudo se houver acirrada competitividade entre cidades com ofertas semelhantes. Até aí tudo bem! Não obstante, há muita especulação e muito “achismo” imperando neste objeto de estudo.



Alguns estudos mostram que a expansão da criminalidade, correlata à falta de segurança pública, afastaria os turistas e inviabilizaria a dinâmica dos centros receptores. Ao mesmo tempo, outros estudos mostram que, não necessariamente, a expansão da violência sistêmica afastaria o turista, já que o elemento mais trágico deste processo, isto é, o homicídio, não teria o turista como alvo. Geralmente esses estudos colocam o turista como mira preferencial de crimes contra o patrimônio (furtos e roubos), o que teria um impacto menor em relação à violência homicida. Outro conjunto de estudos se ocupa da construção imagética de destinos e da relação entre a violência urbana e tal processo, mostrando como a mídia pode reproduzir um cenário real, ou mesmo criar estereótipos de cidades perigosas. Outros estudos, ainda, buscam mostrar se o turismo, ao estruturar e organizar territórios, traria consigo o aumento da criminalidade, o que, geralmente, expõe o lado apocalíptico da atividade em espaços desestruturados economicamente, ampliando o tráfico de drogas e demais negócios ilícitos. Nesse interim, muitas são as possibilidades de estudos, e, no cerne de cada uma, reside um elemento em comum: a sensação (real ou criada) de insegurança, juntamente com a necessidade de se planejarem destinos seguros para os visitantes.

Assim, destacamos, com Urry (2001), que nenhuma tentativa de explicar o turismo a partir de uma *teoria do comportamento do turista* é adequada para aprender a 'essência' da atividade, que é um fenômeno multifacetado e particularmente ligado a muitos outros elementos sociais e culturais nas sociedades contemporâneas, pois se requer um arcabouço teórico que abranja aquilo que é específico do turismo e comum às práticas sociais próprias da área, incluindo relações não-turísticas. Pensando no objeto em questão (segurança pública), especulamos que John Urry diria que não há como estabelecer uma relação causal entre: a) aumento da criminalidade e retração do turismo; ou b) retração da criminalidade e aumento do turismo. Diante disso, o presente estudo pretende saber qual o estado da arte (ou de parte dela), presente nos estudos em turismo no Brasil,



que trata da problemática multi e interdisciplinar da violência, da criminalidade e da segurança pública em destinos turísticos, buscando entender como essa literatura percebe a relação existente entre o aumento da criminalidade e o comportamento da demanda turística. O trabalho possui como foco os estudos que abordaram a questão dos crimes contra a pessoa (turista), notadamente os homicídios, e os crimes contra o patrimônio (furtos e roubos). O fenômeno da violência é amplo, multidisciplinar e multicausal. Logo, tal delimitação exclui, nesta análise, outras formas de violência, em especial, aquelas vigentes na economia do turismo sexual e do tráfico de pessoas, além daquelas reais situações em que o próprio turista é o agente de atos desviantes nos destinos turísticos. Para fins de delimitação, também não foram selecionados os fenômenos do *dark tourism* e do *slum tourism*. O foco deste trabalho de análise bibliográfica é, portanto, crimes contra o turista (pessoa e patrimônio).

Assim, este estudo possui como objetivos: a) levantar trabalhos realizados, com base na realidade brasileira, acerca das problemáticas do turismo, segurança pública, violência urbana e criminalidade; b) realizar uma leitura básica de cada trabalho, buscando efetuar uma apreciação crítica de cada estudo; c) tecer um diagnóstico, nesta seara acadêmica, de seu estado da arte, visando apontar os caminhos seguidos, algumas lacunas percebidas e as possibilidades de conexões entre as pesquisas.

O processo se justifica em razão da necessidade de se descortinar alguns discursos midiáticos que simplificam a relação entre turismo e segurança pública, visto que a problemática levantada não pode ser resumida aos discursos caóticos criados por parte da mídia (e também por algumas pesquisas acadêmicas) e, tampouco, simplificada a ponto de cair no falso silogismo de que a expansão da criminalidade, por si só, afastaria o turismo. Caso fosse real, não haveria turismo no Rio de Janeiro, por exemplo. A pesquisa ainda se justifica na medida em que se verifica um crescimento da criminalidade em muitas cidades brasileiras, inclusive em diversos



municípios que são destinos turísticos. Tal constatação tem na mídia forte apelo emotivo, no sentido de afirmar, ainda que sem sustentação empírica, que esta violência afastaria o turista e traria sérios prejuízos aos destinos. Diante disso, este trabalho se justifica também ao tentar mostrar como as produções acadêmicas vêm tratando esta questão.

Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de análise teórica. Não se prende as convenções metodológicas de uma pesquisa bibliométrica, tampouco realiza uma análise de conteúdo quantitativa com o material textual levantado. Trata-se de um livre exercício ensaístico (assistemático) de produção de curtíssimas resenhas descritivas, cuja pretensão e relevância se fazem presentes na forma como o diagnóstico crítico desta literatura foi realizado neste escrito. O recorte temporal foi estabelecido da forma mais dilatada possível, isto é, a partir do ano de publicação do primeiro trabalho encontrado (2004) até o último (2018). Os trabalhos foram captados, de forma livre, diretamente no *Google Acadêmico* e no *Portal de Periódicos da Capes/Brasil (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)*.

A nossa hipótese central é que parte significativa dos estudos brasileiros não reproduz, abertamente, o alarme midiático acerca do medo social como fator determinante para o afastamento de turistas. Contudo, problematizamos que parte desses estudos, ou a totalidade deles, não relaciona o aumento da criminalidade (e suas múltiplas possibilidades de manifestação) com as variações de demanda turística em séries temporais dilatadas, tampouco “espacializam” a criminalidade por zonas/áreas, visando correlacionar os encontros – e desencontros – com a dinâmica do turismo. Além disso, reforçamos que parte das pesquisas também não realiza o esforço de tipificar os principais crimes contra o turista (destacando o dano, horário e local) e de que forma essa violência termina afetando a sustentabilidade econômica dos espaços turísticos e a imagem dos lugares. Deste modo, algumas pesquisas repetem clichês já doutos no campo acadêmico do turismo de que o crime e a violência sistêmica afastam o



turismo, ou, no melhor dos casos, que os crimes são, em sua maioria, contra o patrimônio, o qual é expresso por furtos e roubos. É a partir deste conjunto de premissas que este escrito se justifica e tem início.

2 TURISMO, CRIMINALIDADE E SEGURANÇA PÚBLICA: O QUE DIZEM OS ESTUDOS BRASILEIROS?

a) Trabalhos submetidos a bancas examinadoras no Brasil (2006-2018)

Os estudos mais volumosos – em número de páginas – foram aqueles submetidos às bancas examinadoras de graduação e pós-graduação *lato e stricto sensu*. No rol de trabalhos submetidos às bancas avaliativas, tivemos um total de 15 trabalhos disponíveis. Evidentemente que mais trabalhos devem ter sido apresentados e defendidos (anterior ao nosso recorte temporal e mesmo dentro dele), contudo, não estiveram disponíveis nos mecanismos e critérios de busca utilizados durante este estudo. O mesmo vale para trabalhos em eventos e periódicos.

Em ordem cronológica crescente, apresentamos a seguir os trabalhos aqui apreciados, observando, sempre que relevante, a questão central, o recorte temporal, o objetivo geral, a metodologia e algumas conclusões. Não objetivamos realizar um exame crítico de cada estudo, uma vez que tais escritos já passaram previamente por mecanismos institucionais de avaliação. Não se trata de questionar a legitimidade de cada estudo, mas sim de catalogar o conjunto das preocupações levantadas. O foco maior foi, então, identificar os aspectos trabalhados.

O estudo de Santos (2006) é, quiçá, um dos primeiros a tentar desmistificar o medo midiático em relação ao aumento da criminalidade e sua influência nas demandas turísticas. O trabalho mostrou a relevância da cidade do Rio de Janeiro como polo turístico nacional e sua relação com a violência que, mesmo estando presente, precisa ser mais bem entendida,



estudada e relatada como influenciadora ou não dos acréscimos e decréscimos do número de visitantes no município. Logo, objetivou analisar a relação entre violência e criminalidade na demanda turística na cidade no período entre 2001 e 2005. O estudo mostrou que não há uma relação direta entre turismo e criminalidade, porém as cidades turísticas ficam mais expostas à mídia, já que são “vendidas” comercialmente. Destarte, os resultados retratam que a maioria dos turistas não registram queixa dos furtos, pois alegam que não perderão horas de seu tempo de lazer e sofrer mais desgaste psicológico para registrar a ação criminosa. Ainda sobre os turistas, o autor afirma que a maioria das ocorrências se dá por pequenos furtos, dinheiro e pequenos pertences, por meliantes desarmados, sem agressão física, apenas por intimidação ou, na maioria das vezes, os turistas só percebem que foram furtados minutos ou horas depois. Santos (2006) afirma que o Rio de Janeiro é uma cidade *segura para o turista* e que a mídia tem provocado um efeito negativo principalmente para o turismo internacional. Foi observado, então, que não há uma relação direta entre violência, criminalidade e demanda turística no Rio de Janeiro. A pesquisa quantitativa comprovou que as variações de aumentos nos índices de violência não são determinantes para as variáveis ocupacionais de turistas, e vice-versa.

A dissertação de Braggio (2007) trouxe como questão central a identificação dos conflitos e atos de violência mais comuns no município de Balneário Camboriú (Santa Catarina/SC), durante a temporada de verão, em 2006. Entrevistando 5 policiais lotados na ‘Delegacia do Turista’, além da observância dos Boletins de Ocorrência (B.O.), verificou-se que a maioria dos crimes levantados são relativos ao patrimônio, tais como furtos, roubos e acidentes automobilísticos, consequência, segundo o autor, da grande flutuação populacional verificada na cidade em função do turismo. A pesquisa traz um referencial teórico até denso do ponto de vista crítico, com Sérgio Adorno, Daniel Cerqueira, Yves Michaud, Alba Zaluar e Michel Wiewiorka, contudo, perde-se no caráter descritivo dos relatos dos entrevistados e não espacializa as ocorrências no município, além de se



prender aos discursos dos “peritos”. Apesar de não reproduzir o discurso superficial de que a violência afasta definitivamente o turismo, o estudo não aprofunda questões centrais acerca de como essa criminalidade é construída, quais relações são estabelecidas a partir dela e de que forma o próprio turista a sente. A problemática dos homicídios contra turistas está ausente e não se sabe, no texto, se pela inexistência, no período, ou pela irrelevância quantitativa.

A pesquisa de Soares Júnior (2007) teve como objetivo geral analisar os impactos da violência e da criminalidade na demanda turística da cidade de Curitiba, no período entre os anos de 2000 e 2005, na busca de uma possível correlação entre o turismo urbano e a criminalidade. Tratou-se de uma tentativa de buscar, no cruzamento entre os números do “turismo em Curitiba” com os dados sobre “violência e criminalidade”, se há ou não uma correlação entre estas partes. Além disso, a pesquisa quis saber se tal incremento gera decréscimos na demanda turística ou, se o aumento do turismo em Curitiba é gerador de mais problemas. A pesquisa foi operacionalizada por meio de coleta bibliográfica, pela realização de entrevistas e aplicação de questionários, pela análise estatística de dados, por análises comparativas de dados, confecção de tabelas e gráficos, bem como, pela reprodução de material cartográfico e de imagens. O texto relembra o exemplo da cidade do Rio de Janeiro, a qual apresenta elevados índices de criminalidade urbana, e mesmo assim, continua sendo o destino turístico mais procurado do Brasil. Como considerações empíricas do estudo, verificou-se que houve uma evolução da criminalidade em Curitiba, o que parece não ter exercido influência no sentido de afastar o turista, pois o número de turistas não diminuiu, apesar dos dados apresentados sobre a criminalidade. Ao contrário, para o autor, Curitiba, diante dos números observados, consolidou-se como um promissor destino turístico, já que, em 2005, recebeu quase dois milhões de turistas, conforme estimativa da Secretaria de Estado do Turismo. Portanto, verificou-se que “violência e



criminalidade” não tiveram correlação com a demanda turística, ou seja, não foram fatores determinantes, únicos e exclusivos para o aumento ou queda de seus índices.

O estudo de Bornhofen (2008) foi mais técnico e pontual. Objetivou investigar as implicações da segurança pública no desenvolvimento do turismo de eventos na Região da *Associação dos Municípios do Médio Vale do Itajaí* (AMMVI). O trabalho tentou destacar de que forma a segurança pública – exercida pela Polícia Militar – estruturou-se na Região da AMMVI e qual é a percepção dos atores envolvidos com o desenvolvimento regional do turismo de eventos sobre sua atuação. O trabalho pressupõe que os atores de tal setor negligenciam a participação da segurança pública na aplicação do turismo em questão, o que pode ocasionar conflitos entre turistas e residentes. Da pesquisa propriamente dita, foram convidados a participar 14 comandantes da Polícia Militar e 25 representantes do setor turístico. Buscando identificar a percepção dos atores mencionados, o estudo constatou que tanto estes quanto os representantes da polícia militar têm noção de que a segurança pública desempenha um papel essencial no desenvolvimento do turismo de eventos, avaliando-a de forma positiva. Não obstante, aqui afirmamos que o estudo se perde na especulação e no devir das percepções dos informantes.

Nascimento, Cruz e Oliveira (2009) trazem um curto e embrionário trabalho acerca da visão de órgãos de turismo sobre a participação da polícia militar no desenvolvimento da atividade turística em Salvador no ano de 2008. O estudo está preso a um forte viés sistêmico (funcionalista), o qual reproduz a ideologia de que Salvador é “essencialmente” turística em função de suas paisagens naturais, assim, busca entender a segurança pública em turismo a partir de uma expectativa harmônica entre seus agentes sociais. O texto reproduz a ideia causal de que a insegurança, como uma determinante, afastaria o turista da cidade. No trabalho, foi realizada uma análise comparativa das visões dos sujeitos envolvidos com o turismo local, para verificar se as atividades da Polícia Militar de Salvador



(PMBA) atendem as expectativas dos órgãos em questão, como também para apresentar propostas concernentes às ideias dos responsáveis pelo desenvolvimento da atividade turística na capital baiana. Para os autores, o que se verifica na PMBA é a insuficiência de recursos para operacionalizar e profissionalizar sua tropa, e isto tem influenciado na prestação do serviço e no reconhecimento desse profissional mediante os seus clientes, isto é, os turistas. Além disso, a PMBA é reconhecida pelos órgãos operadores do turismo como parte secundária no processo de formação de um sistema de turismo. Por conseguinte, os autores verificaram que o que se tem são ações pontuais e isoladas, salvo no Carnaval, quando as instituições se organizam de forma conjunta para planejar e executar a grande festividade. Além disso, o texto constata que o tipo de policiamento utilizado não é o mais adequado, pois não é especializado, necessitando da aplicação efetiva da filosofia de policiamento comunitário como estratégia policial.

Ferreira (2013) apresenta um dos estudos mais densos acerca da problemática aqui levantada. Tanto contém uma bibliografia dilatada, quanto possui uma perspectiva mais interdisciplinar. A pesquisa busca saber em que contexto o turista se envolve com o crime em Salvador e teve como base de dados os inquéritos policiais, conduzidos pela Delegacia de Proteção ao Turismo de Salvador (DELTUR), e os Boletins de Ocorrência (B.O) da mesma unidade policial, entre 2010 e 2012. É um dos poucos trabalhos que apresenta uma dimensão geográfica da problemática, mesmo não apresentando dados georreferenciados. No texto, é perceptível a compreensão da dimensão geográfica dos incidentes de segurança relacionados ao turismo, sendo, para o autor, de grande importância para o gerenciamento da segurança ligada ao turismo. O que se conclui em Ferreira (2013) é que os locais turísticos de Salvador, como concebidos e mantidos, apresentam o ambiente ecológico e a oportunidade propícia para a ação de delinquentes contra os turistas, reunindo os fatores: ofensor motivado, alvo disponível e ausência de guardiões. Para o autor, o



policciamento ostensivo, apesar de superior ao da maior parte dos locais da capital, sozinho não soluciona o problema. Nesse contexto o turista estrangeiro surge como alvo mais vulnerável, superando em muito o visitante doméstico no papel de vítima. A seleção dos criminosos se dá na busca por presas fáceis e os meliantes agem na maior parte das vezes contra homens e mulheres isolados, sendo poucas as agressões contra grupos de turistas. A população agressora reside predominantemente nas regiões turísticas, ou nas áreas vizinhas, e os horários e dias de pico das agressões são aqueles nos quais há um significativo número de turistas circulando em vias públicas. O crime contra o patrimônio é o predominante. Em todos os períodos, o instrumento identificado como de maior destaque foi o furto, executado sem que a vítima perceba, ou seja, o furto que no jargão policial é conhecido como furto lanceiro ou descuido. O trabalho de Ferreira (2013) discute ainda os limites metodológicos dos dados, bem como, procura trazer uma categorização acerca de uma teoria do comportamento do turista em férias.

Fernandes (2014) apresentou um leque maior de questionamentos em seu estudo. Em sua dissertação, procurou saber se: a segurança pública em Fortaleza tem sido eficaz no atendimento a residentes e turistas? Qual a percepção de residentes e turistas sobre a violência? O panorama da segurança pública tem afetado o desenvolvimento dos negócios turísticos? Quais são as estratégias para áreas turísticas e residenciais? Para Fernandes (2014), em Fortaleza, a organização espacial urbana é desigual, ou seja, há diferenças de condições de vida dos grupos sociais, as quais ampliam as causas da insegurança. Quanto à espacialização do fenômeno da violência, identifica-se que o crescimento da violência não é sentido de forma igual por toda a população. Nas áreas em que se concentra população de maior poder aquisitivo, imóveis com maior valor agregado, entre fatores como serviços, rede hospitalar, por exemplo, predominam crimes contra o patrimônio, enquanto áreas menos favorecidas e periféricas apresentam consideráveis índices de crimes contra a pessoa (homicídios). O



estudo consegue mapear os homicídios por bairros, o que dá uma dimensão espacial ao problema. Para Fernandes (2014), a distribuição desigual dos homicídios acompanha as desigualdades socioespaciais. Bairros com menores índices de homicídios são justamente os dotados de melhor infraestrutura e com bons indicadores sociais. Para averiguar a percepção dos residentes e turistas, foram aplicados questionários semiabertos, durante o período de dezembro de 2013 a janeiro de 2014. A área de pesquisa situou-se na orla de Fortaleza, especificamente, na Av. Beira Mar, Praia do Futuro e Praia de Iracema, visando a coleta de dados juntos aos turistas. Sobre os residentes, estes foram entrevistados nos principais bairros da capital. Parte da pesquisa de campo também foi realizada por meio de entrevista semiestruturada com diferentes gestores do sistema de segurança pública. A percepção dos turistas entrevistados, quando perguntados sobre a segurança pública em Fortaleza, é de que esta se mostrou satisfatória, representando mais da metade dos entrevistados. Quando perguntados sobre a percepção de segurança na cidade visitada ou sobre a constatação dessa efetiva ostensividade policial, 94% afirmaram se sentir tranquilos quanto a presença de policiamento. Acerca dos residentes, quanto à segurança pública em bairros residenciais, a maioria dos entrevistados respondeu ser insatisfatória. A insatisfação deve-se às elevadas incidências de criminalidade, assaltos constantes, roubos, homicídios, briga entre gangues, tráfico e consumo de drogas. Fernandes (2014) conclui, afirmando que a segurança pública de Fortaleza não tem conseguido ser eficaz e eficiente por falta de investimentos no setor, e que a insegurança tem afetado no desenvolvimento da atividade turística, desestimulando maiores fluxos de turistas e, além disso, que as estratégias de segurança pública precisam ser intensificadas.

A pesquisa de Socas (2014) trabalhou a temática da violência contra os turistas na cidade do Natal/RN, realizando um levantamento de dados entre 2003 e 2013 na Delegacia Especializada de Assistência ao Turista



(DEATUR). O objetivo principal da pesquisa foi analisar o cenário da violência registrada contra turistas em visita à cidade. A análise forneceu diversas conclusões, como a verificação da diminuição da violência praticada contra os turistas, no recorte dos dez anos pesquisados. Evidenciando que as principais violências praticadas estão vinculadas às categorias de crimes contra o patrimônio (furtos e roubos), o estudo concluiu que a violência praticada contra os turistas na cidade de Natal/RN vem caindo constantemente, mostrando que os dados alarmantes, do aumento da violência geral na cidade, não está impulsionando, pelo menos por enquanto (até 2013), o aumento da violência praticada contra os turistas. A pesquisa, todavia, não apresenta a evolução temporal da demanda nesse recorte temporal, apesar de mostrar a evolução da receita obtida com o turismo na cidade. Prende-se à comparação de taxas de homicídios (por 100.000 habitantes) entre cidades, esquecendo-se de mostrar como a taxa vigente em Natal se comporta em suas diferentes zonas. Um aspecto positivo do trabalho é que não se deixou cair na armadilha do discurso midiático de que a violência afastaria o turista. Aliás, o estudo mostra que nos dez anos analisados houve apenas uma tentativa de homicídio contra um turista na cidade, sendo um problema pontual.

O trabalho de Lima (2016) pode ser considerado um limitado estudo padrão nesta seara acadêmica. Trabalhando o turismo na cidade de João Pessoa (PB), carece de dados primários e expõe timidamente alguns dados secundários sobre a demanda turística. Repete o clichê de entender a segurança pública como um dos fatores que influenciam diretamente na escolha de um destino, mas não mostra como a realidade efetivamente se comporta na cidade analisada. Afirma que a Companhia Especializada de Apoio ao Turista (CEATur) conseguiu reduzir a criminalidade nas áreas de interesse turístico em João Pessoa; citando o site da polícia militar da Paraíba, diz que, mesmo ocorrendo 9 homicídios envolvendo turistas entre 2011 e 2012, os crimes contra os visitantes tiveram uma queda significativa. No estudo, falta – igualmente a alguns trabalhos aqui analisados – mostrar



dados concretos sobre os crimes contra o turista (contra o patrimônio e contra a vida), espacializá-los por áreas, horários, perfil da vítima e apresentar as relações possíveis entre o crescimento da criminalidade urbana e o comportamento da demanda turística. O estudo é, portanto, refém de dados vagos. Por exemplo, mostra que em janeiro de 2015 foram verificadas 104 ocorrências, referentes a extravios de documentos, objetos e roubos, poucos envolvendo violência física. O referencial teórico é limitado a Bornhofen (2008) e a uma literatura técnica sobre gestão estratégica.

Em Silveira (2016), temos uma discussão sobre o policiamento comunitário na cidade de Itacaré, Bahia. O autor buscou compreender a percepção da comunidade, turistas e empresários quanto à participação coprodutora da segurança no policiamento do espaço turístico do município. O trabalho aponta o aumento da criminalidade, inclusive destacando a taxa de homicídio vigente no período. Apresenta dados estatísticos para o período de janeiro a setembro de 2015; comparando Itacaré com cidades vizinhas como Marau e Uruçuca, percebe como a criminalidade é mais presente em Itacaré, principalmente referente as variáveis homicídio, condução à Delegacia de Polícia (DP), prisão em flagrante, veículos apreendidos, tráfico/apreensão de drogas e lesão corporal. O estudo possui como mérito ter uma visão ampla, integrada e humanizada do trabalho policial. Não se resume a destacar seu caráter ostensivo. Contudo, perde-se ao discutir apenas a questão da percepção que os atores sociais têm sobre o policiamento local. A pesquisa apresenta muitas categorias perceptivas dos atores sociais locais, mas não mostra, igualmente muitos dos trabalhos aqui analisados, uma tipificação dos crimes contra o turista, além de qual a distribuição desses crimes por zonas e de que forma o turista percebe esse contexto de hipotética insegurança. Certamente, o grande mérito de Silveira (2016) reside em mostrar a proposta do policiamento comunitário pensado para o planejamento e a gestão do turismo, mas, devemos destacar, o estudo não mostra a efetividade deste



policciamento comunitário. Mais uma vez reafirmando: limita-se às percepções de atores sociais locais sobre a imagem da polícia. Mesmo assim, traz uma visão crítica de que o modelo de polícia tradicional não reduz as taxas de criminalidade e a sensação de insegurança, além de, principalmente, atestar que as velhas práticas de policiamento e política de mais policiais nas ruas, mais viaturas e mais repressão, se revelam, sozinhas, ineficazes na diminuição da criminalidade. Para Silveira (2016), o policiamento comunitário surge como uma nova filosofia de atuação das polícias, favorecendo a participação da comunidade, bem como a integração entre a polícia e o cidadão. O autor, também, reafirma que o temor em vivenciar experiências indesejadas é relevante fator limitante na escolha de um destino turístico.

Silva (2016) analisou as ocorrências policiais registradas na Delegacia Especializada em Atendimento ao Turista, na cidade de João Pessoa, entre os anos de 2014 e 2015, com ênfase nos crimes de roubos e furtos. Tratou-se de um trabalho técnico, que buscou levantar o perfil do turista (sexo, idade, escolaridade, região de origem) atendido nesta delegacia especializada e quais as ocorrências mais frequentes registradas (extravio de documentos, furtos, roubos e diversos). A análise foi feita a partir dos boletins de ocorrência (B.O) registrados no citado recorte temporal: entre janeiro de 2014 e dezembro de 2015. O estudo mostrou que a grande maioria dos acontecimentos se deveu a extravio de documentos, o que explica o alto número de notificações formais, tendo em vista a necessidade do B.O para segunda via de documento, ou mesmo para retorno ao seu país de origem. Em suma, há na pesquisa um esforço mínimo em se teorizar a relação entre turismo e crime, ao mostrar certas características do turista, os quais facilitaríamos a oportunidade do delito, destacadamente a redução da consciência de risco, o ato de assumir comportamento de risco ou mesmo de frequentar áreas vulneráveis. Contudo, tal esforço não se materializa nos dados analisados. Há, contudo, a vantagem de não assumir uma visão repressiva do trabalho policial, estando mais apto a priorizar a adoção de



sistemas de informações criminais e inteligência policial. Igualmente a muitos trabalhos, não há uma percepção espacial da cidade, tratando-a unitariamente, sem distinção de áreas. Embora o estudo mostre que a delegacia esteja localizada na praia de Tambaú, local mais visitado por turistas, não espacializa as ocorrências por áreas turísticas e não-turísticas; além disso, ele também está preso ao clichê de que a violência afasta o turista.

Em Baptista (2017) temos um vigoroso exemplo de desmanche ideológico de discursos midiáticos. Foi indagado de que forma a violência na cidade do Rio de Janeiro foi retratada pela mídia digital nacional durante o período dos Jogos Olímpicos. O trabalho objetivou analisar as representações midiáticas dos períodos não-olímpico e olímpico e compará-las com os índices de violência da cidade em ambos os períodos, com o propósito de compreender se o que foi retratado durante o megaevento esportivo se distancia ou se aproxima da realidade vivenciada em relação à segurança pública. Partindo da noção de que o medo é construído socialmente e que pode ser amplificado pela mídia, Baptista (2017) conclui que a violência da capital fluminense, mesmo sem ser necessariamente a mais intensa no país, tem sido a de maior visibilidade entre as demais cidades, assinalando uma relação por vezes contraditória entre a mídia e violência de uma localidade. Apesar de ser uma cidade notoriamente violenta, o Rio não é a localidade com maiores índices de homicídios do país. Embora não seja necessariamente a mais violenta, é possível perceber uma predominância midiática aos atos de violência no Rio de Janeiro em detrimento de outras cidades do país, que, inclusive, possuem maiores índices de homicídios do que a capital fluminense. Analisando um corpus de 286 notícias, sendo 160 no período não-olímpico e 126 no período olímpico, Baptista (2017) concluiu que embora as propagações de notícias sobre violência tenham diminuído no período olímpico, as ocorrências criminais não deixaram de acontecer. Ao contrário! Aumentaram em relação ao



período anterior. Além disso, também foi possível perceber no estudo que, embora todas as incidências criminais tenham sofrido acréscimo no período olímpico, algumas categorias sofreram diminuição no número de menções nos títulos analisados, em relação ao período anterior, como é o caso de homicídio, roubo, esfaqueamento, entre outros, confirmando a hipótese inicial da pesquisa de que as narrativas das mídias pesquisadas se modificam quando a cidade recebe um megaevento.

Feitoza (2017)² investigou se existe uma relação estatística entre as áreas de maior incidência da violência homicida em Natal (RN) e os espaços de maior fluxo de turistas na cidade. Buscou, a partir de dados quantitativos secundários (coletados no Observatório da Violência - OBVIO), fazer estatisticamente um comparativo entre os espaços em que predomina a violência homicida na capital e os de circulação de turistas. O trabalho buscou, ainda, compreender a sensação de segurança/insegurança percebida pelos visitantes nos espaços turísticos locais, de modo a captar uma parte da dinâmica da violência urbana marcada por furtos e roubos, procedendo assim a uma pesquisa de vitimização com turistas, realizada por meio de questionários. Além disso, também através de entrevista realizada junto ao representante da DEATUR/Natal (Delegacia Especializada em Atendimento ao Turista), buscou ouvir o que o poder público tem a dizer a respeito da crescente violência na cidade e de que maneira, especificamente no que diz respeito ao turista, a DEATUR tem enfrentado o problema. Como resultados, através da análise cartográfica, foi possível perceber que, em Natal, a violência homicida ocorre nas áreas periféricas, geralmente (mas não determinante) fora dos espaços culturais das classes médias e da elite, concentrando-se nas demais regiões (menos assistidas pelo poder público) onde habitam, sociabilizam-se, circulam e vivem a maior parte de pessoas. Por outro lado, percebeu-se ainda que todos os espaços de atração e de destinação turísticos estão localizados em duas áreas consideradas nobres da cidade: zona sul e zona leste. Ao mesmo tempo,

² Pesquisa de mestrado orientada por Jean Henrique Costa no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (UERN).



essas regiões possuem as melhores infraestruturas de serviços, como saúde, educação, saneamento básico, comércio e segurança pública. Por conseguinte, os espaços da violência homicida (periféricos) não coincidem com os locais mais desenvolvidos da cidade, que são pretensos ao turismo. Percebe-se, pois, que as ocorrências de homicídios se localizam em áreas com precário desenvolvimento socioespacial, implicando que, em termos de relação entre turismo e segurança pública, termina por não coincidir os espaços de circulação de visitantes com os da violência homicida, embora que geograficamente falando guardem certa proximidade, como bem destacou o representante da DEATUR (Delegacia Especializada em Assistência ao Turista). Por conseguinte, o estudo percebeu que embora os números da violência homicida tenham se intensificado nos últimos anos, os espaços de circulação de turistas na cidade têm sido de certa forma preservados deste tipo de violência. Sobre quais seriam as principais ocorrências atendidas pela DEATUR, a Delegacia se reportou imediatamente aos crimes contra o patrimônio, especialmente furtos e roubos como os tipos de delitos mais praticados contra o turista. Segundo a pesquisa de campo com os turistas, número considerável dos informantes, ou seja, 85% deles, não considerou Natal uma cidade perigosa.

O trabalho de Nuñez (2017) buscou analisar a infraestrutura de segurança pública preventiva e ostensiva necessária pra assegurar o turismo no '*Roteiro Turístico Ferradura dos Vinhedos*', localizado em Santana do Livramento/Rio Grande do Sul (RS). Em Santana do Livramento, o Roteiro Turístico Ferradura dos Vinhedos surge como potencialidade para alavancar o desenvolvimento regional através do turismo. Desta forma, pensar a segurança pública tem sido uma preocupação local. É apontado, no trabalho que o turista constitui, um alvo fácil para a ação de delinquentes pelos seguintes fatores: a) é um alvo tentador, pois traz consigo dinheiro e objetos de valor; b) possui comportamento de risco, como saídas noturnas, viagem para locais inabitados, consumo de bebidas alcoólicas; c) encontra-



se deslocado dos grupos sociais nos quais convive; d) em alguns casos, podem ser considerados desafiadores e não cumpridores das regras locais; e) a impressão de segurança é do país de origem e das leis locais aplicadas onde mora, o que, em geral, é diferente das leis e costumes do lugar que está visitando. Diante disso, no estudo, foram entrevistados 02 (dois) integrantes do Comando da Brigada Militar de Santana do Livramento. Como resultados da pesquisa, observou-se uma diminuição dos crimes de ameaça, lesão corporal, posse de entorpecentes, furto simples, qualificado e em residência, considerando os dados de 2017. Já os crimes ambientais e furtos qualificados tiveram aumento. Os dados demonstram que o município mantém seus índices controlados no que tange a segurança pública, mesmo com a redução nos efetivos da brigada militar no decorrer dos últimos anos e da crise financeira do Estado, a qual reduziu os investimentos em todas as áreas públicas. Conforme os dados obtidos, observa-se que, no comparativo com os anos de 2015 e 2016, Santana do Livramento apresenta uma diminuição em seus índices de criminalidade e não há aumento dos crimes de homicídio doloso, latrocínio e roubos. Na pesquisa, questionou-se aos entrevistados se a Brigada Militar de Santana do Livramento mantém rotineiramente policiamento ostensivo e preventivo na Rota Ferradura dos Vinhedos. Pelos relatos coletados, foi possível perceber certa preocupação da Brigada Militar em assegurar aos turistas um local pacífico, com a criação de uma Patrulha de Áreas Turísticas; porém, atualmente há patrulhamentos periódicos, contudo não tão efetivos.

Encerrando este bloco, Valverde (2018), em recente trabalho apresentado à Universidade de Brasília (UnB), objetivou compreender as inter-relações entre a política de segurança pública implantada na cidade do Rio de Janeiro, pela intervenção federal, e a construção da imagem de um destino turístico seguro ao visitante. Buscou saber, pois, como a desconexão entre a política supracitada para a cidade do Rio, a intervenção federal realizada e a política de promoção implementada pela portaria 82/2017 (Mais Rio, Mais Brasil) da Embratur impactou na imagem do



destino. O estudo mostrou que a política de turismo não leva em consideração certas questões sociais centrais no Rio de Janeiro, dentre elas, a problemática da criminalidade sistêmica. A investigação tece críticas à EMBRATUR por seguir apenas a lógica comercial do marketing e buscar apenas empreender viagens e produzir crescimento de curto prazo. Valverde (2018) traz uma relevante contribuição ao mostrar que o não cumprimento das promessas (do imaginário) não gera apenas frustrações em termos de direito do consumidor. A questão vai além e tem ligação direta com a vida do turista. O trabalho é um dos poucos que apresenta uma evolução temporal da demanda turística no Rio de Janeiro, mostrando uma oscilação no fluxo de turistas entre 2013 e 2017. Traz ainda séries históricas referentes às taxas de homicídios (por 100.000 habitantes) para o estado e para a capital, mostrando como a questão da letalidade termina por ampliar o medo coletivo e impactar no cotidiano de residentes e visitantes.

b) Trabalhos publicados em periódicos (2005-2018)

Os trabalhos em periódicos (revistas acadêmicas) estão quantitativamente em número levemente reduzido (11) e, pela própria especificidade do meio de publicação (artigos), apresentam textos mais enxutos e diretos, alguns dos quais resultados de monografias de graduação, mestrado e doutorado. No geral, nenhum reproduz a precária tentativa de silogismo que visa associar a retração de demanda turística ao aumento da criminalidade, embora não aprofundem certas questões basilares mencionadas na introdução deste escrito.

A pesquisa de Catai e Rejowski (2005) foi, dentre o material selecionado, a mais antiga e, quiçá, uma das mais densas. O estudo, intitulado “Criminalidade e Turismo em São Paulo, Brasil: a violência registrada junto aos turistas estrangeiros”, publicado na revista *Turismo em*



Análise, estudou as implicações da criminalidade junto a turistas estrangeiros no Brasil, especificamente no município de São Paulo. O trabalho resultou dos estudos desenvolvidos na dissertação de mestrado de Catai, defendida em 2004. A coleta de dados foi efetuada com base na observação de cada Boletim de Ocorrência (B.O) registrado de janeiro de 1995 a dezembro de 2000, e realizada nos dias 22 e 23 de janeiro de 2003. Assim, a pesquisa centra-se nos crimes contra o patrimônio e contra a pessoa, pois esses são os mais propensos a ocorrer com turistas estrangeiros. Considerando que os BOs não são necessariamente registrados no local do crime, o estudo ressalta que as ocorrências estão concentradas, em sua maior parte, no centro da capital de São Paulo ou no local em que se realiza algum evento na cidade. O estudo se limitou aos casos registrados na DEATUR. De grande relevância foi o resultado referente à natureza dos crimes. Os BOs concentram um número maior de furtos e roubos, com reduzida incidência de estelionatos e *nenhum homicídio* no período, sendo que os furtos são geralmente de mochilas, máquinas fotográficas e passaportes. Outra questão ressaltada no estudo é a de que o roubo com agressão não foi preponderante, somando apenas cinco casos. Esse resultado aponta uma contradição quanto ao clima de insegurança apresentado aos turistas, pois a violência não está presente de maneira pessoal ou exclusiva em relação a eles. Catai e Rejowski (2005) deixam claro que, no período pesquisado, não houve nenhum único caso de homicídio envolvendo turistas estrangeiros, implicando que tal realidade se traduz em pequeno risco de um turista sofrer uma agressão física. Independentemente das altas taxas de homicídio na cidade, estas não atingem diretamente o visitante. A maior parte dos turistas frequenta áreas próximas aos estabelecimentos de hospedagem, restaurantes, casas de espetáculos e espaços de eventos. Tais equipamentos e serviços localizam-se em áreas nobres da cidade, nas quais a criminalidade, principalmente o homicídio, não atinge números assustadores e, conseqüentemente, reduz a probabilidade de atingir o turista.



O artigo de Bem, Guardia e Sarmiento (2010), nomeado “A percepção do turista quanto à violência na cidade de Natal”, publicado no Caderno Virtual de Turismo, teve como finalidade verificar o registro de ocorrências de violências sofridas pelo turista que visitou Natal, tendo como base matérias de jornais locais e pesquisas na Delegacia do Turista - RN, comparando esses índices com o fluxo turístico na capital e analisando a percepção do turista quanto a violência no destino, bem como mostrar que, apesar de Natal ser considerada “calma”, muita gente sofre algum tipo de violência, seja física ou moral. Para as autoras, a violência não é um fator diretamente ligado com a demanda turística, não sendo um determinante do aumento ou queda do número de turistas, mas é um dos pontos que mais altera e influencia nesses índices. No estudo, foram utilizados dois instrumentos de pesquisa. O primeiro foi a entrevista na Delegacia do Turista; o outro elemento de apoio foi o formulário aplicado com turistas domésticos no setor de embarque do Aeroporto Internacional Augusto Severo, entre os dias 28 e 29 de novembro de 2007, no período da tarde. Foram entrevistados 86 turistas, e apenas um sofreu um furto, na praia de Ponta Negra. A maioria dos turistas considera Natal tranquila, e grande parte afirmou que voltaria à cidade, mesmo sofrendo, hipoteticamente, algum tipo de violência. As ocorrências registradas na delegacia, normalmente, giram em torno de 80% de furtos (sem violência física) e 20% de roubos (com agressão).

Dois trabalhos de Machado (2012; 2013) encabeçam a lista dos textos mais críticos que abordam a temática do *medo social*, sabiamente, sem estabelecer relação de determinação entre turismo e criminalidade. Machado (2012), em artigo intitulado “Medo social e turismo no Rio de Janeiro”, publicado na *Tourism & Management Studies*, teve como objetivo analisar o papel da violência urbana como contribuinte na construção do medo social, caracterizando-o como fator limitante para o desenvolvimento do turismo em espaços urbanos e destacando a cidade do Rio de Janeiro como exemplo empírico. Para o autor, o medo social, que é construído

socialmente, é um fator limitante e decisivo (mas não determinante) na escolha de um destino, gerando nas pessoas uma percepção de medo que pressupõe certa disposição de antecipação que acontece comumente quando o homem está longe do seu entorno habitual ao rezeir a violência. O autor se questiona: as localidades que apresentam imagem relacionada à violência e à criminalidade estariam impedidas de se estabelecerem como importantes destinações turísticas, motivadas pelo seu estereótipo violento? Machado (2012) utiliza esta cidade como exemplo empírico para a sua pesquisa, cujos resultados indicam que o estereótipo relacionado ao medo e à violência dificulta, mas não impede o desenvolvimento do turismo no Rio. O autor concluiu que o estereótipo turístico do município como espaço perigoso se caracteriza como um fator limitante para o turismo local, no entanto, não bloqueia os fluxos de pessoal, pois a imagem, criada através das experiências pessoais, possibilita a (re)construção de uma ideia motivadora para grande parte da demanda turística (efetiva e potencial), possibilitando ao Rio se tornar um dos mais importantes centros turísticos mundiais, apesar do elevado grau de violência que aflige não somente a cidade, mas também tantas outras cidades no mundo. Machado (2013), em "Turismo, medo e violência", publicado na revista *Turismo & Sociedade*, vem complementar o estudo anterior e defender a hipótese sugerida, de que a diminuição da violência na "cidade maravilhosa" é um relevante fator para a ampliação do fluxo turístico receptivo.

Na esteira dos trabalhos que abordam a violência, a partir das representações sociais, está o estudo de Siqueira (2012): "Um Rio de Emoções: Turismo, Violência e Cotidiano nas Representações Midiáticas do Carnaval Carioca", publicado na revista *Rosa dos Ventos*. Para o autor, a construção do turismo na cidade do Rio de Janeiro ganha sentidos distintos, através dos relatos veiculados pela mídia acerca da violência praticada contra turistas às vésperas do Carnaval. Para Siqueira (2012), a metrópole é o espaço onde se processa o drama cotidiano de seus moradores, o que não exclui os turistas que visitam a cidade do Rio de Janeiro, os quais, por não



estarem inseridos nos códigos sociais/culturais usados nas negociações do cotidiano local, experimentam suas emoções em uma intensidade muito maior. Na condição de estrangeiros, afastados de seu cotidiano, turistas se encontram mais vulneráveis às dinâmicas do Rio. A pesquisa, de natureza qualitativa, valeu-se do referencial teórico-metodológico da Antropologia e da Sociologia. Metodologicamente, a amostra das reportagens (não-probabilística) foi escolhida de maneira intencional por reunir as informações que melhor pareceram retratar a sequência de eventos praticados nos dias que antecederam ao Carnaval carioca de 2009. Às vésperas do festejo, alguns dos principais jornais da capital davam destaque a uma onda de assaltos contra turistas estrangeiros. O trabalho toma como material de análise três reportagens de jornais de circulação nacionais: *Jornal do Brasil (JB)*, *O Globo* e *O Dia*. Também analisa três reportagens veiculadas pelo canal aberto *TV Globo*. Siqueira (2012) salienta que em um grupo complexo e heterogêneo de turistas, nem todos expressam seus sentimentos na mesma intensidade. Há turistas que afirmaram sofrer apenas um susto com o assalto ao albergue em que estavam; outros, contudo, não só disseram estar assustados com a violência, como deixaram claro que iriam embora da cidade o mais breve possível. O clima de medo e desânimo de turistas foi, também, uma situação operada pela mídia. Como conclusão, para Siqueira (2012), é ela (a mídia) quem seleciona e ordena a forma como certas emoções serão articuladas a eventos simbólicos, como o Carnaval.

Brandão e Costa (2015), em “Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró/RN/Brasil e sua relação com o turismo de eventos”, publicado na Revista Turydes, objetivaram verificar a relação entre os locais de maior incidência de homicídios na cidade de Mossoró/RN/Brasil e os locais de maior fluxo de visitantes na cidade, a fim de perceber se os espaços da violência homicida coincidem com os denominados “espaços turísticos” (pesquisa muito próxima da de Feitoza, 2017). O estudo caracterizou o ambiente socioespacial do município e mapeou as taxas locais de



homicídios (por bairros), para formar um mapa dessa modalidade de violência. A pesquisa foi realizada a partir dos dados do material da imprensa local, notadamente do site "O Câmera", no período (2011/2012). Como resultados, percebeu-se que a violência homicida ocorre, em sua maioria, fora dos espaços frequentados pela classe média e elites locais, e que os pontos de atração e de destinação pretensamente turísticos estão concentrados em áreas consideradas nobres da cidade. O estudo concluiu, pois, que os espaços da violência homicida não coincidem com os pontos luminosos pretensos ao turismo local.

Na mesma linha metodológica e sob a mesma coordenação³, Costa et al (2016) realizou um estudo que objetivou mapear e analisar as taxas de homicídios vigentes na cidade do Natal/RN, nos anos de 2013 e 2014, espacializando-as categoricamente por todos os bairros da cidade, a fim de apontar os espaços mais representativos e dominantes da denominada violência homicida. O estudo visou entender de que forma (se for o caso) a ocorrência sistêmica da violência homicida interfere na dinâmica da atividade turística natalense. Foi um trabalho realizado a partir do uso de dados quantitativos (secundários) espacializados por bairros, através do trabalho cartográfico. O cruzamento dessas duas realidades – violência homicida e espaços turísticos – mostrou que a dinâmica da violência homicida em Natal ocorre nas áreas periféricas, geralmente (mas não determinante) fora dos espaços culturais (e valorizados pela dinâmica capitalista) e de sociabilidade das classes médias e elites locais. Notou-se, ainda, que os ambientes de atração e de destinação turísticos estão localizados em partes específicas de duas áreas consideradas nobres da cidade: zona sul e zona leste. Ao mesmo tempo, essas regiões possuem as melhores infraestruturas de serviços como saúde, educação, comércio e segurança pública. Por conseguinte, os ambientes de violência homicida (periféricos) não coincidem com os utilizados pelo turismo. Percebeu-se,

³ O mesmo estudo foi publicado em língua inglesa, atualizado para o triênio (2015-2017) e publicado no número 19, 2018 do *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, com a entrada de novos colaboradores. In: COSTA, J. H. et al. Spatial distribution (2015-2017) of homicides in the city of Natal/RN (Brazil) and its (non-)relations with touristic áreas. *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, Universidad de Palermo, n. 19, 2018.



igualmente o estudo anterior realizado em Mossoró, RN, que as ocorrências de homicídios se concentram em áreas com baixo desenvolvimento socioespacial, implicando que, em termos de relação entre turismo e segurança pública, termina por não coincidir os espaços de circulação de visitantes com os espaços da violência homicida.

Silva e Silva (2016), no artigo “Influência da segurança pública na motivação turística em destinos urbanos e de sol e praia: uma abordagem teórica”, publicado na revista *Fólio*, trazem uma discussão teórica e afirmam que a segurança pública é fator relevante na escolha de um destino turístico, mas não determinante. Para as autoras, alguns indicativos contemporâneos sobre turismo e segurança pública, no contexto mundial, alusivos à cidades com grande fluxo turístico, indicam haver essa aproximação entre os dois campos, o que é atestado se fazemos alusão aos casos de Nova York, por conta do atentado de 11 de setembro de 2001; do México, por conta da violência gerada pelos traficantes de drogas nos últimos anos, bem como a partir do caso do Rio de Janeiro, para quem o exotismo supera o medo em relação à escolha do destino. Segundo afirma o estudo, apesar da violência averiguada em destinos brasileiros importantes, como é o caso da capital carioca, ainda há a procura dos turistas. Nesse contexto, o Rio de Janeiro continua a ser procurado pelos turistas, sendo considerado o destino brasileiro mais visitado, tanto por brasileiros, quanto por estrangeiros. Ou seja, nesse caso, a motivação da demanda interna e externa não vem sendo afetada pelos índices de criminalidade, ou por problemas em geral relacionados à segurança pública.

O trabalho de Costa et al (2018), “Polícia do turista: contradições e revelações”, publicado no *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, traz um sucinto um ensaio teórico indagando se: o aumento dos índices de violência homicida retrai a atividade turística? A imagem transmitida pelos noticiários é considerada pelos turistas no momento das escolhas relativas aos seus destinos? As políticas públicas para



o turismo consideram a importância da segurança pública? Como o Estado – enquanto realizador da utopia contratualista do “bem comum” – tem agido para sanar determinados problemas relativos à segurança dos turistas e dos munícipes? Diante disso, o trabalho problematiza a relação turismo-violência e o papel desempenhado pela denominada “polícia do turista”, comum em muitas cidades turísticas. É dito no texto que, no contexto brasileiro, há muito mais a criação de imagens da expansão da insegurança pública – no tocante a violência homicida – para o turista, representação esta tecida por múltiplos interesses e fatores, do que ameaça letal (intencional) para o visitante. No Brasil, a denominada violência homicida tem cor, sexo, idade e condição econômica pré-determinados, o que descarta, em termos estruturais, a violência letal contra o turista. Este, por sua vez, está sujeito muito mais aos crimes contra o patrimônio, dados por furtos e roubos de diversas magnitudes. No texto é dito que o grande desafio prático que se coloca na exequibilidade do pensamento sobre turismo e segurança pública reside na operacionalização de uma política de segurança turística que precisa ser integrada e preventiva. Não há, efetivamente, uma política de segurança do turista que não seja, previamente, uma política de segurança para o residente. O poder público até pode controlar “bolhas” de segurança para o turismo, contudo, falhará sempre que a dinâmica da atividade turística extrapolar os limites espaciais deste simulacro para ‘turista ver’. Logo, não é difícil entender que são necessárias ações integradas de curto, médio e longo prazo para que um destino consolide o mínimo de condições materiais e simbólicas de segurança pública. Nunca é demais lembrar que não se combate a criminalidade sem combater, minimamente, suas múltiplas causas. Policiamento seletivo para o turista não será efetivo em contextos de expansão estrutural da violência homicida e da insegurança. Portanto, o trabalho afirma que é preciso que o destino turístico possibilite a correção estrutural de suas desigualdades sociais mais profundas.



O também recente trabalho de Liz et al (2018), publicado na revista *Estudios y Perspectivas en Turismo*, teve como objetivo geral analisar alguns aspectos da segurança pública como uma condição para a promoção do bem-estar no destino turístico Balneário Camboriú, Santa Catarina, Brasil. A metodologia empregada foi a técnica do grupo focal com gestores das polícias militar, civil, federal, da guarda municipal, do Conselho Municipal de Segurança, da Comissão de Segurança do Poder Legislativo, Departamento de Imigração e do Conselho Municipal de Turismo. É dito no escrito que Balneário Camboriú apresenta o quarto melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, não tendo, portanto, determinadas desigualdades sociais e econômicas, as quais produzem e acentuam a criminalidade sistêmica. Para o estudo, a autorização da ação policial da Guarda Municipal nos municípios vizinhos (região metropolitana) tem sido um inibidor de certos atos criminosos. É apontado no estudo, ainda, que a organização do espaço público e sua limpeza e fiscalização, entre outros componentes, são aspectos para a segurança efetiva do destino. Em Balneário Camboriú, as alianças entre a polícia militar, a guarda municipal e a secretaria de segurança pública do município possibilitam ações efetivas de segurança para o turista e para o morador, facilitado, evidentemente, pelo tamanho pequeno do município e pelo seu nível de qualidade de vida.

Encerrando este bloco, a apurada pesquisa de Tomé (2018) toma como elemento teórico de análise o que chamou de *aspectos restritivos do turismo*. Sua investigação questionou quais os principais fatores restritivos do turismo e quais os principais fatores restritivos do turismo relacionados com a segurança. Adentrando no objeto, indagou acerca desses fatores restritivos do turismo relacionados com a segurança na cidade do Rio de Janeiro, tomando tanto a demanda real, quanto a potencial. A eleição do Rio de Janeiro como objeto de estudo se deu em função da cidade ser difundida como um lugar inseguro, mas também, contraditoriamente, como principal destino turístico brasileiro. A parte investigativa qualitativa permitiu indicar 13



fatores restritivos do turismo, assim, excluindo-se os fatores sem vinculação com a segurança, restaram 6: elevados índices de violência e criminalidade; guerra; problemas de saúde pública; risco de atentados terroristas; risco de contaminação; e risco de desastres naturais. O estudo, buscando compreender a percepção tanto da demanda real, quanto da demanda potencial em relação aos fatores restritivos do turismo vinculados com a segurança na cidade do Rio, concluiu que a violência e a criminalidade são os principais fatores restritivos do turismo em relação a segurança na cidade. O estudo acima termina aprofundando os estudos anteriores de Machado (2012; 2013), no qual o estereótipo relacionado ao medo e à violência restringe, mas não impede o desenvolvimento do turismo.

C) trabalhos publicados em anais de eventos (2004-2015)

As publicações decorrentes de anais de eventos foram mais escassas (apenas 4) e superficiais, exceto pelo texto de Catai e Rejowski (2004). Catai e Rejowski (2004), no texto “Violência e turismo na imprensa brasileira: matérias da Folha de São Paulo (1990 a 2000)”, apresentado no II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, em 2004, trazem um estudo exploratório sobre a violência e o turismo na imprensa brasileira, destacando o município de São Paulo – SP, tendo como objetivo discutir a divulgação da violência relacionada ao turismo na cidade na mídia impressa. Referente aos dados sobre a violência, escolheu-se o periódico *Folha de São Paulo*, com a seleção de matérias publicadas entre 1990 a 2000. Verificou-se, no estudo, que o Brasil não possui uma boa imagem no exterior – de segurança, bom atendimento, receptividade –, mas que, em curto prazo, não parece que vai atrapalhar o crescimento da demanda turística. Esse fato pode ser exemplificado por meio de matérias publicadas na revista *Veja* e no jornal *Folha de São Paulo*. Nas reportagens o Brasil é citado por estrangeiros que visitaram o país e consideraram que a cidade de São Paulo, e outras cidades, não oferecem o perigo apresentado pela mídia. Para os autores,



independente das limitações do corpus da pesquisa quanto ao tema, pode-se notar que o tratamento de casos de violência envolvendo a temática do turismo não foi em excesso, todavia, os poucos casos existentes são tratados de maneira superficial e sensacionalista. Até nas matérias de cunho basicamente informativo, como quando se tratou do crescimento da violência no decorrer do carnaval paulista, observou-se a falta de contextualização e dados.

Santos e Silva (2006) apresentaram o trabalho "A Influência da Violência e Criminalidade na Demanda Turística na Cidade do Rio de Janeiro" no IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, realizado em Caxias do Sul entre 7 e 8 de julho de 2006. Foi observado que não há uma relação direta entre violência, criminalidade e a demanda turística no Rio de Janeiro, comprovando que as variações de aumentos nos índices de violência não são determinantes às variantes ocupacionais de turistas.

O trabalho de Bornhofen, Faes e Borges (2007), intitulado "Segurança pública e turismo – uma lacuna na gestão de políticas públicas", apresentado ao 'GT Interfaces com o Lazer e Entretenimento' do 'IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo', em 2007, traz uma reflexão com o objetivo de analisar as políticas públicas relacionadas ao turismo e à segurança pública, através de seus respectivos planos, verificando o grau de interação entre elas. O texto percebe alguns problemas apontados para a área da Segurança Pública, sendo eles: a) A escassa acumulação de conhecimento, pois são poucas as pesquisas e os trabalhos que tratam do tema Segurança Pública, menos ainda se busca uma vertente que faça uma ligação com o turismo; b) Abundância de estudos setoriais, em especial estudos de caso, e é exatamente este problema que se encontra no estabelecimento de estudos relacionados entre a Segurança Pública e o turismo, ou seja, praticamente não há trabalhos e quando existem são estudos de caso; c) Proximidade da área com os órgãos governamentais, porque a Segurança Pública é uma



das atividades conhecidas e tratadas como sendo específica somente do Estado. Portanto, no Brasil, mesmo que timidamente, as políticas do governo Federal mostram preocupações, embora em grau menor que a Organização Mundial do Turismo (OMT) em relação à articulação do turismo e da segurança. Assim, o estudo percebeu uma falta de integração entre as áreas do turismo e da segurança pública desde o planejamento.

Por fim, Oliveira et al (2015), no texto “Custos com segurança privada: um estudo de caso em um complexo turístico de Praia do Ceará”, publicado no ‘XXII Congresso Brasileiro de Custos’ em 2015, objetivaram investigar a influência exercida por menores custos com segurança pública e os índices de criminalidade nos custos com segurança privada de um complexo turístico de praia. Os autores citam que o fenômeno do crescimento da segurança privada é uma realidade constatada em diferentes países do mundo e que pesquisadores argumentam que as políticas liberais de governo têm provocado a transferência de atividades, antes eminentemente públicas, para a iniciativa privada, aí incluída a segurança. Nesta pesquisa, foi estudado o comportamento dos custos com segurança privada a partir da perspectiva do complexo turístico do Beach Park, localizado na Praia do Porto das Dunas, no município de Aquiraz, Estado do Ceará. A análise demonstrou estatisticamente a inexistência de relação entre custos do complexo turístico de praia do Beach Park, custos com segurança pública do estado do Ceará e níveis de criminalidade na Região Metropolitana de Fortaleza. A análise rejeitou as hipóteses levantadas, ou seja, nem os custos com segurança pública do Estado do Ceará, nem os níveis de criminalidade na região metropolitana de Fortaleza, exercem influência significativa sobre os níveis dos custos com segurança privada do Beach Park. Os autores concluíram que foram rejeitadas as hipóteses, ficando evidenciado, no caso do complexo aquático, que nem os menores custos com segurança pública, nem o aumento dos índices de criminalidade, influenciam significativamente os gastos com segurança privada.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS... BREVE DIAGNÓSTICO CRÍTICO DO ESTADO DA ARTE E APORTE PRESCRITIVO

Todo trabalho acadêmico se apresenta como um fosco retrato hipotético, provisório e restrito da realidade, expondo apenas um pequeno traço de seu desenvolvimento. A própria delimitação do objeto e seus recortes (espacial e temporal) já denunciam a natureza sempre parcial e incompleta de um estudo científico. Neste sentido, cada trabalho acima apresentado e brevemente discutido teve seu papel de chamamento de uma dada realidade, indo além (ou não) do que pretendia. Para além do êxito ou fracasso de cada estudo, interessa destacar que todos trazem preocupações muito próximas, apesar dos distintos caminhos trilhados.

Os trabalhos acima analisados demonstram um esforço nítido em apontar que a criminalidade e a violência sistêmica limitam, para alguns destinos, a sustentabilidade econômica, política e social de cidades turísticas. Alguns – intencionalmente ou não – sustentam a tese caótica e semi-determinista da violência como fator de repulsão da demanda; outros, mais críticos, negam tal premissa e optam por dar um tratamento multicausal ao fenômeno; há, ainda, os que enveredam nas vicissitudes das duas possibilidades e preferem analisar caso a caso, a depender dos contextos estruturados de formação da demanda turística.

O que temos que deixar claro é que a criminalidade nas cidades turísticas brasileiras tem local, hora e alvo estatisticamente pré-determinados, não sendo o turista mira da denominada violência homicida. Homicídio contra o turista é, via de regra, algo acidental. Quantitativamente é irrelevante, embora o apelo subjetivo da morte de um turista cause maior fervor e repercussão midiática, inclusive fora do Brasil. No geral, a violência homicida não se concentra nas áreas de circulação de turistas, realidade acentuada em muitos dos textos analisados. Contudo, muitos (quase todos)



estudos aqui vistos não mapeiam as zonas de circulação de turistas e de maiores taxas de homicídios. Tal cruzamento de dados deve ser prioridade numa política de segurança para o turista (e para o residente). Como aporte prescritivo, é salutar que as áreas em que predominam as maiores taxas de homicídios tenham maior atenção por parte do Estado, no sentido de minimizar as desigualdades socioespaciais lá imperantes. Não se trata de isolar o turista numa “cidade de vidro”, e sim de reduzir as assimetrias sociais, culturais e econômicas. Logo, pensar na segurança do residente é, no mínimo, algo básico e imperativo a ser feito.

No caso dos crimes contra o patrimônio (furtos e roubos), o turista se torna alvo fácil, principalmente em alguns bairros turísticos mais movimentados e deprimidos do ponto de vista socioespacial. Mesmo assim, verificou-se, nos estudos acima, que tais crimes não são passíveis de afastar totalmente o turista do destino. Muitas vezes, ele próprio já reside em cidades violentas, o que não o assusta durante suas férias longe de casa. Em termos prescritivos, há alguns estudos que tipificam a ação criminosa contra o turista, mostrando o perfil do alvo, horário da ação, senso de oportunidade, local do crime, etc. Ampliar estudos de vitimização com turistas é uma forma básica para se conhecer o perfil das vítimas, além das áreas e horários mais recorrentes. Desta forma, ações ostensivas, preventivas e de inteligência podem otimizar estrategicamente a ação policial diretamente nos focos preferenciais.

Em suma, muitas são as nuances do fenômeno, e aturados são os desafios práticos da problemática. Os estudos acima apresentados deram um passo importante nesta seara. Cabe, agora, um maior aprofundamento das questões postas, para, primordialmente, galgar avanços em novos estudos, corrigindo os limites aqui apontados e propondo novas perspectivas teóricas e metodológicas.

REFERÊNCIAS



Baptista, A. C. M. (2017). *A segurança turística do Rio de Janeiro durante o período dos Jogos Olímpicos Rio 2016: o olhar midiático*. 78 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, UFF.

Bem, K. C. F.; Guardia, M. S. A.; Sarmiento, K. M. S. L. (2010). A percepção do turista quanto à violência na cidade de Natal. *Caderno Virtual de Turismo*, Vol. 10, Nº 1.

Bourdieu, P. (2015). *Escritos da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Bornhofen, P. R. (2008). *Segurança pública no desenvolvimento do turismo de eventos na região da AMMVI – SC*. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.

Bornhofen, P. R.; Faes, C. H.; Borges, E. C. (2007). *Segurança pública e turismo – uma lacuna na gestão de políticas públicas*. Anais... Trabalho apresentado ao GT Interfaces com o Lazer e Entretenimento do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo, ANPTUR.

Brandão, T. S.; Costa, J. H. (2015). Um olhar sobre a violência homicida em Mossoró/RN/Brasil e sua relação com o turismo de eventos. *Turydes: Turismo y Desarrollo*, n. 18, junio.

Braggio, L. A. (2007). *Turismo e segurança pública*. 97 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria, UNIVALI, Camboriú.

Castel, R. (2002). *Las metamorfosis de la cuestión social: una crónica del salariado*. Paidós.

Catai, H.; Rejowski, M. (2005). Criminalidade e Turismo em São Paulo, Brasil: a violência registrada junto aos turistas estrangeiros. *Turismo em Análise*, v. 16, n. 2, p. 223-243, novembro.

Catai, H.; Rejowski, M. (2004). *Violência e turismo na imprensa brasileira – matérias da Folha de S. Paulo (1990 a 2000)*. Anais... II Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 10-11 set.

Cerqueira, D. (org.). (2018). *Atlas da violência 2018*, IPEA.



Costa, J. H. et al. (2018). “Polícia do turista”: contradições e revelações. *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, Buenos Aires, Universidad de Palermo, n. 18.

Costa, J. H. et al. (2016). Mapeamento das taxas de homicídios (2013-2014) na cidade do Natal/RN e suas interfaces com a atividade turística. *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, Universidad de Palermo, n. 15.

Costa, J. H. et al. (2018). Spatial distribution (2015-2017) of homicides in the city of Natal/RN (Brazil) and its (non)relations with touristic areas. *International Journal of Safety and Security in Tourism/Hospitality*, Universidad de Palermo, n. 19.

Feitoza, B. M. B. (2017). *Violência urbana e turismo na “Cidade do Sol”: um retrato pontual da segurança pública na cidade do Natal/RN e suas interfaces com a atividade turística*. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, RN.

Fernandes, F. E. (2014). *Gestão da segurança pública da metrópole fortaleza: o bem estar de residentes e turistas*. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, UECE.

Ferreira, L. H. C. (2013). *Cenários do turismo e suas relações com o crime na capital do estado da Bahia*. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania, Salvador, UFBA.

Lima, S. B. R. de. (2016). *A gestão estratégica na segurança pública no turismo nas praias urbanas de Cabo Branco e Tambaú*. 56 f. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Gestão Estratégica na Segurança Pública, João Pessoa, UEPB.

Liz, E. M. et al. (2018). La seguridad como promoción del bienestar de un destino turístico: el caso de Balneario Camboriú (Santa Catarina, Brasil). *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Volumen 27, pp.1018 – 1030.

Machado, M. B. T. (2012). Medo social e turismo no Rio de Janeiro. *Tourism & Management Studies*, n. 8.

Machado, M. B. T. (2013). Turismo, medo e violência. *Turismo & Sociedade*. Curitiba, v. 6, n. 1, pp. 225-228.

Nascimento, L. E. S.; Cruz, L. S. S. A.; Oliveira, R. F. (2009). *Turismo e Polícia Militar da Bahia: visão e participação*. 25 f. Monografia (Especialização) -



Políticas e Gestão de Segurança Pública, RENAESP, PROGESP E UFBA, Salvador.

Nuñez, R. O. (2017). *Turismo e segurança pública: uma análise da infraestrutura de segurança pública do roteiro Ferradura dos Vinhedos em Santana do Livramento/RS*. 84 f. Monografia (Graduação em Gestão Pública) – Universidade Federal do Pampa.

Oliveira, F. D. et al. (2015). *Custos com segurança privada: um estudo de caso em um complexo turístico de praia do Ceará*. Anais... XXII Congresso Brasileiro de Custos – Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 11 a 13 de novembro.

Santos, V. R. (2006). *O estudo da relação entre violência e criminalidade na demanda turística na cidade do Rio de Janeiro*. 90 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente, Belo Horizonte, Centro Universitário UMA.

Santos, V. R.; Silva, J. T. M. (2006). *A Influência da Violência e Criminalidade na Demanda Turística na Cidade do Rio de Janeiro*. Anais... Trabalho apresentado ao GT06 "Segurança e Riscos Turísticos como Responsabilidade Social e Coletiva" do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho.

Silva, L. B.; Silva, F. C. (2016). *Influência da segurança pública na motivação turística em destinos urbanos e de sol e praia: uma abordagem teórica*. *Fólio* – Revista Científica Digital, vol. 17, n. 1.

Silva, L. L. (2016). *Turismo e crime: atendimento ao turista com ênfase nos roubos e furtos noticiados*. 45 f. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Inteligência Policial e Análise Criminal, João Pessoa, UEPB.

Siqueira, E. D. (2012). *Um Rio de Emoções: Turismo, Violência e Cotidiano nas Representações Midiáticas do Carnaval Carioca*. *Revista Rosa dos Ventos*, 4(IV), p.458-468, out-dez.

Silveira, G. G. (2016). *Espaço turístico de Itacaré: percepções da comunidade como coprodutora da segurança no policiamento comunitário*. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social, UFRB, Cruz das Almas.

Soares Junior, N. A. (2007). *Turismo urbano e criminalidade: uma correlação curitibana no século XXI*. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.



Socas, K. G. L. (2014). *A violência registrada contra turistas: estudo de caso na Delegacia Especializada de Assistência ao Turista em Natal/RN (2003-2013)*. 68 f. Monografia (Graduação em turismo) – Departamento de Turismo, Natal, RN, UFRN.

Tomé, M. (2018). Factores restrictivos del turismo: la percepción de la demanda real y potencial sobre la seguridad pública en Rio de Janeiro (Brasil). *Estudios y Perspectivas en Turismo*, Volumen 27, pp. 968 – 984.

Urry, J. (2001). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/Studio Nobel.

Valverde, R. R. (2018). *Rio de Janeiro o mapa das contradições: turismo e violência*. 94 f. Monografia (Graduação) – Graduação Superior em Turismo, Brasília, UNB.

Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa da violência 2016*. Rio de Janeiro: FLACSO/CEBELA.

Contribuições de cada autor

Jean Henrique Costa – UERN

Revisão de literatura, discussão teórica e redação final do artigo.

Manuel Ramón González Herrera – UACJ

Planejamento do projeto, supervisão e revisão do texto.

